

## **À Porta da Botica, de Artur Azevedo**

### **Fonte:**

AZEVEDO, Artur. *Teatro de Artur Azevedo*. [Rio de Janeiro] : Instituto Nacional de Artes Cênicas - INACEN, [198?]. v. 1. (Coleção clássicos do teatro brasileiro, v.7).

### **Texto proveniente de:**

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

### **Texto-base digitalizado por:**

Sérgio Simonato – Campinas/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para maiores informações, escreva para <[bibvirt@futuro.usp.br](mailto:bibvirt@futuro.usp.br)>.

*Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quiser ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <[parceiros@futuro.usp.br](mailto:parceiros@futuro.usp.br)> ou <[voluntario@futuro.usp.br](mailto:voluntario@futuro.usp.br)>.*

## **À PORTA DA BOTICA Artur Azevedo**

*Esta é a segunda peça de Artur Azevedo, escrita aos 16 anos.*

*Cena da época*

### **PERSONAGENS**

ANICETO - tipo da atualidade

DIOGO

OLIVEIRA

Um rapaz de 12 anos

PASSANTES

### **CENA ÚNICA**

*Vista de rua escura. À direita uma botica, à porta da qual vêm-se algumas cadeiras.*

ANICETO, depois TODOS (*por seu turno.*)

ANICETO (*Velho jarreta, entra fumando e observando as cadeiras.*)

— E esta! ainda ninguém! (*Vê o relógio.*)

Pois já lá vão sete e meia!

E os meus colegas não vêm

Pra falar da vida alheia!

Já as cadeiras estão

No seu lugar competente... (*Senta-se.*)

Como corre a viração

Às portas de uma botica!

Se o juízo não me mente,

Quem está doente, bom fica,

Fica bom quem 'stá doente...

Temos bem que dar à língua

*Aujord'hui*, meus colegas,

Esta gatinha anda à míngua

De meia dúzia d'sfregas...

Isto de andar a falar  
Da vida do semelhante  
É gosto bem singular,  
Mas não será doravante:  
É uma necessidade  
Pra dar que falar ao povo,  
Mentira seja ou verdade,  
Só se quer - *assunto novo!* - (*Levanta-se.*)  
Os senhores já adivinham  
O que lhes conto? por Cristo?  
Ora, senhores, não tinham  
mais do que olhar: (*Indica.*)  
Esta casa é uma botica  
Que vende sempre a quem passa:  
Pastilhas de mel d'*angica*  
Cataplasmas de linhaça...  
O lugar é solitário.  
Nem mesmo tem lampião... (*Confidencialmente.*)

— Cuidado com o boticário  
Que não passa dum... *boticário*,  
E o seu caixeiro, o Senhor Mário,  
Maluco como o patrão  
*Eu não falo da vida alheia.*  
*Isto é só fazer idéia... (Mostra as cadeiras.)*

Nas cadeiras que aqui 'stão  
Com muita constância tem,  
As noites, uma reunião,  
Um dia sim, outro também...  
Aqui se fala de tudo.  
Tudo por aqui contado é:  
Sofrendo o pai do cascudo,  
Sofre o avô do jacaré...  
Se um sujeitinho lá bifa  
Ao patrão certa quantia,  
Se aquele faz uma rifa,  
Se um outro não anda em dia,  
Se um quebra, foge aos credores,  
Se outro *ajunta* depressa,  
Se aquele já tem amores,  
Mal o avô-torto começa  
Há que ser analisado  
Na porta do boticário:  
O pobre, o remediado,  
O econômico perdulário!

*Eu não falo da vida alheia,*  
*Isto é só fazer idéia!*

Falamos todas as noites  
No que é no que fora,  
Todos aqui chucham açoites,  
Em todos os meto a *tesoura!*  
E no que me der o cavaco,  
Nele mais se mete a faca,  
Hei de levar pro tabaco,  
Hei de cortar na casaca!

*Eu não falo da vida alheia*  
*Isto é só fazer idéia... (Entra Diogo.)*

DIOGO (*Com um charuto apagado.*)

— Seu Aniceto, dá-me o seu fogo?

ANICETO

— Por que não, Senhor Diogo?... (*Diogo, depois de acender o charuto, restitui o de Aniceto sem agradecer-lhe. Sai.*)

ANICETO (*Só*)

— É impolítico o Senhor Diogo!  
Impolítico... malcriado!  
Eu servi-lhe com meu fogo,  
E não me disse obrigado!...  
Este sujeito é um tratante,  
Cautela, muita cautela,  
Fala dos outros bastante,  
E furta sem mais aquela!  
Ainda há três dias  
Queixou-se um negociante  
Que vendeu mercadorias  
A ele, qu' é um bom tratante!  
Ouvi dizer numa venda  
Que pediu a uma *loureira*  
O anel - Deus me defenda -  
Pra pagar a lavadeira:

*Eu não falo da vida alheia*

*Isto é só fazer idéia... (Passa pelo fundo um passante.)*

Viram aquele sujeito?  
Cuidado, muito cuidado,  
*Diz que* pra cousa tem jeito,  
É um tratante refinado,  
Ou refinado tratante,  
Eu cá não faço questão  
De vogal ou consoante,  
De ser cachorro ou ser cão,  
De ser tratante ou ladrão!  
Me disseram qu' outro dia  
A firma imitou do Sousa  
Com uma tal maestria,  
Que ninguém deu pela cousa!  
E qu' anda co' uma donzela  
E um constante derriço,  
Subindo pela janela  
Sem que ninguém dê por isso!  
Enfim 'stou capacitado  
Qu' é um tratante de mão cheia;  
Mas olhem: este seu criado  
Não *fala da vida alheia*

*Isto é só fazer idéia... (Passa outro tipo.)*

Aquele é o tio do homem  
Que há pouco pediu-m' o fogo,  
Dizem que os cobres lhe somem  
Sempre na banca do jogo;  
Mulher e filhos não comem:  
A panela está no fogo,  
Ou - está no fogo a panela,  
Sem nada ter dentro dela!  
A filha já tem morgados  
E o pai inda a tem por *casta*:  
- O velho é maluco e basta!...  
(Entre parêntesis - não gosto  
Da história do tal tijolo,  
Por causa dele eu aposto:  
Se perde muito o *miolo!* -  
Mas pensem agora os senhores,  
Que apesar da circunstância,  
Não tenho também amores  
Com a Senhora Dona Amância! -)  
Mas voltemos à questão,  
Ia dar uma opinião:

Enquanto o velho se abrasa,  
No *voltarete* se pega,  
A menina fica em casa,  
Pra jogar a *cabra-cega*!  
*Eu não falo da vida alheia*  
*Isto é só fazer idéia...*

(Passa o rapaz de 12 anos largando gordas fumaças de um charuto.)

Olhem pr'aquele fedelho  
Como gosta da fumaça!  
Decerto toma em conselho  
Como aí qualquer chalaça!  
Parece filho do Neves,  
Nada há que mais pareça...  
O Neves Ramos? que deve  
Os cabelos da cabeça? (*Aponta para um sobrado.*)  
Olhem: nesta casa moram  
Três ou quatro sujeitinhos:  
O primeiro sei que namora  
Uma viúva e *já agora*...  
*Etcoetera e tal... pontinhos...*  
Mas como tem bons cobrinhos,  
Como essa viúva é rica,  
Não se importa cos vizinhos.  
Nem com a porta da botica!  
O segundo é um soldado:  
O terceiro é um agiota,  
Que apesar d'haver quebrado,  
Não deixa d'andar janota!  
O quarto não sei quem é:  
Mas eu hei de me informar.  
(Isso é mais velho que a Sé.)  
Pra vir dele aqui falar!  
Sei que se chama Fernando,  
E trabalha, ... vadiando;  
Se lhe pergunto a razão  
Por que sempr'anda na pândega,  
Responde: Que admiração!  
Sou empregado na Alfândega!

*Eu não falo da vida alheia*  
*Isto é só fazer idéia...*

Mora naquele sobrado  
Uma moça que fabrica  
Tijolo com o namorado;  
E o pai não se certifica,  
Nem pergunta a Dona Anica  
O que aquilo significa,  
Quem é aquele rapaz,  
Não teme a língua dos dois,  
Nem a... porta da botica!

*Eu não falo da vida alheia*  
*Isto é só fazer idéia...*

Na outra - pegado - mora  
Um médico muito excelente,  
Da carreira inda na aurora,  
Já tem morto muita gente!  
Dizem que a cura prolonga  
Co'algumas drogas fatais,  
Para a moléstia ser longa,  
E os cobres renderem mais!  
Tem no convento um irmão  
De aventuras muito farto,  
Roubou a filha ao patrão

Abandonou-a num quarto (*Comovido.*)  
Coitada! morreu de parto!

*Eu não falo da vida alheia  
Isto é só fazer idéia...*

(*Aparece Oliveira vestido para o baile. Ao passar pelo fundo, cai-lhe alguma coisa e abaixa-se para apanhá-la.*)

Quem é aquele sujeito  
Que abaixou-se na rua?...  
Inda não o vi bem de jeito,  
E agora... escondeu-se a Lua!

(*Vai para junto de Oliveira e, sem que ele dê por isso, corta-lhe a aba da casaca com uma tesoura.*)

OLIVEIRA (*Consigo.*)

— E esta! perdi um botão...  
Quem achar seja feliz...  
Escapului-me da mão...

ANICETO (*A parte.*) — Eu não ouço o que ele diz.

OLIVEIRA (*A parte.*) — Também o que pode valer?

Custa só meia pataca  
O que acabo de perder! (*Sai*)

ANICETO (*A parte.*)

— Já lhe cortei a casaca (*Desce à cena com a aba na mão.*)

Este sujeito é o Oliveira  
Ignoro o comportamento...  
Vejamos se na algibeira  
Tomo algum apontamento! (*Tira um lenço da algibeira da aba.*)

Um lenço fino de Irlanda;  
Não ‘stá inda pago. Uma aposta.

A marca está doutra banda...

Vejamos: *José da Costa!*

Um lenço do Zé da Costa

Na algibeira d’Oliveira!

Ah! já vejo que ele gosta

Como eu da ladroeira!

Oh! descaramento imenso!

Que ação negra e medonha!

Roubar... roubar um lenço!

É muito pouca vergonha!

Conto hoje na botica

O miserável atentado,

Amanhã o povo fica

Ciente... (*Tirando dez tostões da algibeira da aba.*)

Muito obrigado. (*Remexendo*)

Ah! inda um papel se pilha!

Vejamos o que ele diz! (*Vendo.*)

Subscritado a minha filha (*Lendo.*)

“Joana, sou mui infeliz

Como o nosso amor puro e santo;

Te espero amanhã no canto,

Daremos uma fugida;

Joaninha, minha vida,

Meu querubim, meu amor,

Nem mais aqui voltaremos,

Teu pai esquecer devemos,

Não passa de um falador!

Manda dizer por escrito,

Se o pequeno, que nasceu,

Está feio ou ‘tá bonito

Está vivo ou já morreu!” (*Desespera.*)

Minha filha ter um filho!

Minha filha desonrada!

Ai, meus amigos, se os pilho...

Não me faltava mais nada!

Em vez de estar a vigiá-la,

Pois não tem nada de feia,  
Eu vinha cá pra senzala  
Falar da vida alheia!  
Vou abandoná-la! um capricho:  
Estas cousas não consomem...  
Porque um gato é um bicho,  
E um homem foi sempr'um homem!  
(*Saindo arrebatadamente.*)  
Vou casá-los, vou casá-los...

[*Cai o pano*]